



DA INVENÇÃO À INTENÇÃO: POÉTICAS NEGRAS EM EXPANSÃO

Giovanna Soalheiro Pinheiro¹

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar a produção poética de escritores negros contemporâneos, tendo em vista a perspectiva da invenção e da experimentação formal da linguagem. Partiremos, inicialmente, dos conceitos de Transgressão, cunhado por Arnaldo Xavier, com vistas a uma proposta estética interessada ética e esteticamente (Augusto, 2021); e de Exunouveau (2022), assim definida por Edimilson de Almeida Pereira como as criações que se apropriam das práticas inventivas, a partir das tradições ocidentais e iorubas, transpondo, nesse sentido, não apenas a dimensão ritualística dos orikis e de outros poemas, mas os procedimentos formais construídos com base nessas relações. Além dessas duas concepções, que são fundamentais para se compreender a formação da cultura e das literaturas nacionais, objetiva-se trazer à cena noções como a de ritmo, oralidade e ancestralidade, a fim de sustentar as duas proposições mencionadas anteriormente.

Palavras-chave: Poesia de invenção. Experimentação. Transgressão. Orfe(x)u e Exunouveau.

1 INTRODUÇÃO

Há muitos anos, a questão teórica em torno da literatura negra ganha contornos mais consistentes, tendo em vista a multiplicidade de práticas de escritas pensadas pelos escritores e escritoras que as compõem. Sob alguns vieses – literatura negra brasileira, literatura afro-brasileira, entre outros –, discutiu-se, sobretudo, as implicações temáticas associadas às vivências e às memórias dos povos afrodiáspóricos no contexto brasileiro, que são de grande relevância para constituição e para a revisão do cânone literário brasileiro. Pouca atenção, no entanto, foi dada aos métodos formais circunscritos à produção desses autores em associação àquilo que lhes é fundamental: a dimensão formal/estética associada a outras matrizes não apenas ocidentais. Nesse aspecto, outro motivo merece destaque em nossa pesquisa: o menor destaque que se deu e se dá ainda hoje às produções poéticas de autoras e autores negros, uma vez que há a predominância da prosa nos projetos e ensaios acadêmicos.

Para Pereira (2022), a sociedade brasileira se tece por meio de linhas de contraste – o contato entre as diferenças e a impossibilidade do diálogo –, e de síntese – o Brasil como paraíso democraticamente erigido, mas inalcançável na prática. Nesse sentido, deve-se perguntar qual a importância das textualidades de grupos sociais menos favorecidos em termos de constituição de um cânone literário brasileiro (Pereira, 2022), uma vez que esses grupos estão historicamente excluídos ou relegados da sociedade? Já que possuem valores estéticos, formais e culturais advindos

¹ Doutora em Letras: Estudos Literários pela UFMG. Professora visitante no IFMG – Campus Ribeirão das Neves.



também de outras matrizes não ocidentais, deve-se questionar o porquê de essa formação tradicional e conservadora ser constituída, em sua maioria, por autores brancos.

2 DESENVOLVIMENTO

A partir dessa percepção, justificamos o desenvolvimento deste trabalho pela necessidade de aprofundar as discussões em torno dos modos de produção literária de autores e autoras negras na literatura brasileira contemporânea. Essa literatura, como destaca Florencia Garramuño (2014), caracteriza-se por sua inespecificidade, em razão de sua diversidade formal e temática, o que evidencia a relevância de investigações que articulem o texto literário às concepções teóricas em torno do campo estético-formal afrodiaspórico. Os poetas aqui estudados articulam-se em uma via dupla, isto é, seguir modelos estéticos instituídos, mas, ao mesmo tempo, rasurá-los com base em tradições fora do alcance ocidentalizado. Pensando nisso, elegemos 4 escritoras e 4 escritores para compor o corpus literário desta pesquisa, em virtude de se articularem às poéticas inventivas. São eles Edimilson de Almeida Pereira, *Livro de Falas* (1987-2003); Ronald Augusto, *Vá de valha* (1992-2012); Ricardo Aleixo, *Trívio* (2002); Jorge Augusto, *Mapa de casa* (2023); Eliane Marques, *O poço das Marianas* (2021); Tatiana Nascimento - *Palavra preta* (2021); Luciany Aparecida, *Macala* (2022), e Mirian Alves, *Arô Boboi* (2023).

A nossa proposta de leitura pode parecer ampla, principalmente por termos escolhido 8 poetas; no entanto, boa parte dos livros elencados são compostos de número reduzido de poemas, sendo 6 plaquetes com 12 textos cada uma delas. O que pretendemos fazer então é uma análise desses textos a partir dos conceitos teóricos supramencionados, em associação ao ritmo como um componente derivado da oralidade e de uma ancestralidade que antecede as formas escritas. Por isso, reconhecemos a importância das vertentes teóricas e criativas propostas por Pereira, como Orfe(x)u e Exunouveau (2022). Assim, a pesquisa contribui para o campo de estudos literários ao mapear e analisar essas produções, promovendo diálogos que ampliam a compreensão da literatura brasileira. A partir da análise estética e política, será possível notar que forma e conteúdo não se separam, na medida em que muitos desses textos carregam ainda intenções e tensões críticas bem delimitadas.

Para exemplificar um pouco nossa proposta, citamos o poema de Eliane Marques (2022), do seu livro *O poço das Marianas*, que se apropria, por meio da citação direta, do poeta negro martinicano Aimé Césaire. Leia-se:

sobre as narinas
gordas gotas



qual amêndoas pela mão escusa
talvez o soluço das conchas
pelo poço e *seus pensos de sombra*.
(2022, p. 15, grifo da autora).

No poema, Marques traz à sua escrita o *Diário de um retorno ao país natal* (em francês: *Cahier d'un retour au pays natal*), de Césaire, publicado, em sua primeira versão, em 1939. O verso “e seus pensos de sombra” foi extraído de uma das páginas iniciais do Cahier, que passa a ser a referência inicial do movimento da negritude por ele mesmo fundado. A ação apropriadora aqui, mais uma vez, converge para a esfera estético-criativa e, nessa via, não são raras as aproximações entre as duas poéticas. Em Aimé Césaire, muitos dos apoios rítmicos de seus versos se formam pela repetição, procedimento comum às tradições poéticas orais. Em Eliane Marques, por sua vez, é o apelo às camadas sonoras – a evocação oral da voz – que se evidencia como força indutiva.

Nessa tarefa atravessada entre som e sentido, os valores estéticos das poéticas negras – o ritmo, o som, a língua ioruba, os mitos – performam-se, impondo-nos, de certa forma, incompreensibilidades que não somos capazes de alcançar, devido à nossa escassez em relação à cultura e à língua do outro. Porém, é no significante como presença ativa, ou no significado em devir, que apreendemos essas escritas.

A relevância deste trabalho, portanto, deve-se à possibilidade de se inserir e de se pesquisar autores que, estética e culturalmente, constroem seus objetos artísticos a partir de outros repertórios, embora as matrizes ocidentais estejam ativas nas circunstâncias de produção. Contemporaneamente, muito se discute sobre a produção literária de escritores negros, mas pouco se debate sobre a criação de base conceitual, formal e estética, circunscrita à criação literária nos autores que se vai estudar.

Historicamente organizado como forma não apenas de manter a tradição, mas também de atribuir um sistema de produção estético-formal – dentro da assim designada “alta literatura” –, o cânone parece insistir, equivocadamente, em imputar à literatura negra um status de não pertencimento dentro de um conjunto de valores já estabelecidos. Estamos na segunda década do séc. XXI; no entanto, a concepção canônica da literatura ainda se manifesta com evidente força. Mudam-se os tempos, mas, numa sociedade estruturalmente racista, o status quo permanece o mesmo. Para Edimilson de Almeida Pereira (2022), há uma dinâmica de tensões que se insere nesse quadro literário, o que possibilita perceber tanto a necessidade de confrontar esse viés opressor quanto lançar novo olhar para as estéticas que constituem outras literaturas. Deve-se, por isso, reconfigurar leituras críticas, de modo que estas estejam atentas à especificidade da língua/linguagem que integra as culturas e as histórias negras.



Para Pereira (2022), as composições estéticas originada na África, ou seja, os textos criativos africanos, apresentam-se de formas variadas, com inclusão das narrativas orais, criações visuais e poéticas, que confluem às línguas nativas do continente e nas línguas impostas durante a colonização. Nesse sentido, os procedimentos estéticos-criativos de África e da afrodiáspora constituem rede de signos e de símbolos, passando pelos orikis em iorubá até os cantopoemas em banto, além dos adinkra de Gana e Costa do Marfim e o grito das Antilhas e do Sul dos EUA. Esses métodos relacionam-se à complexidade e às contradições associadas a Exu, opondo-se à estrutura linguística cartesianamente organizada da língua portuguesa.

Por isso, na prática poética, sugere-se que a recepção literária dos atributos simbólicos de Exu para que este se desdobre nessas duas abordagens estéticas: uma que reitera esses atributos de forma sagrada, denominada Orfe(x)u, e outra que os interpreta crítica e criativamente, designada de Exunouveau. Ainda nesse processo, tem-se acesso à concepção de transgressão, de Arnaldo Xavier (1948-2004) – poeta experimental afro-brasileiro – que buscou pontuar a sua prática poética, a partir das palavras transgressão e negro. Por meio desse neologismo, é possível vislumbrar procedimentos e leituras inventivas não só vinculadas à sua obra, mas também a de outros poetas negros aqui mencionados para estudo.

Para a epistemologia afrodiáspórica, a tradição é vista como uma dialética em constante evolução e requer tanto a preservação quanto a transformação. Em contraste com a visão de T. S. Eliot sobre a tradição na literatura inglesa/ocidental, que enfatiza uma adesão mais conservadora à geração anterior, na epistemologia afrodiáspórica, o modo Orfe(x)u de lidar com a tradição envolve a repetição para manter o legado, enquanto o suplemento de Exunouveau busca reinterpretar os atributos de Exu para mantê-lo como símbolo de mudança (Pereira, 2022).

Em relação às práticas de ancestralidade e oralidade presentes nessas construções, faz-se importante trazer ao texto a concepção de oralitura, letra e litura, voz e corpo, linguagem em deslocamento, proposta por Leda Maria Martins (2021). Assim, tal noção:

(...) como littera, ‘letra’, grafia o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litura, ‘rasura’ da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. (Martins, 2021, p. 25).

Há, nesses escritos, o traçado mnemônico de uma tradição negra, oral, em primeira instância, transcrita como letra, grafia do outro em contato e, sobretudo, em cena. Transcria-se, em sentido amplo, o que se forma nas encruzilhadas – “a cultura negra é uma cultura das



encruzilhadas” (Martins, 2021, p. 32) – sob o signo de Èsù Òjísè: o mensageiro, o intérprete, o espiral, o princípio norteador e comunicador. Nessa composição múltipla de cruzamentos, a mitopoética e os saberes ancestrais se ritualizam, porque há a emissão viva da voz, o que permite transmitir às gerações seguintes o ritual sagrado sempre em expansão. Nele, inscrevem-se e cruzam-se elementos estéticos e religiosos de África e do ocidente branco, responsáveis por manter, pela resistência, o domínio simbólico dos códigos estéticos operantes.

3 CONCLUSÃO

Traduzir a forma de organização de culturas negras e de tradições que se formam nas encruzilhadas, portanto, requer uma pesquisa-escuta atenta, crítica e, ao mesmo tempo, afetiva de vozes, corpos, gestos e linguagens. Essa pesquisa-escuta gerida pelo afeto – entendido aqui como possibilidade aberta de contato com o outro – visa delinear não apenas o modo de organização de um costume, mas também a sua manifestação como representação ativa de um povo/comunidade no mundo. Muniz Sodré, em *A verdade seduzida* (2005), propõe a noção de reposição brasileira, ao discutir as trocas ocorridas entre negros e brancos, entre mito e religião, entre negros e mulatos e, por fim, entre negros de etnias distintas, a partir das quais formas essenciais de diferença simbólica (africanas) foram preservadas no Brasil (Sodré, 2005, p. 101).

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, Ricardo. *Trívio*. Belo Horizonte: Escripum, 2002.
- ALVES, Miriam. *Arô boboi*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2023.
- APARECIDA, Luciany. *Macala*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.
- AUGUSTO, Jorge. *O mapa de casa*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2023.
- AUGUSTO, Ronald. *O leitor desobediente*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2019.
- AUGUSTO, Ronald. *Vá de valha* (1992). In: Cair de costas. Porto Alegre: Éblis, 2012.
- MARQUES, Eliane. *O poço das marianas*. Porto Alegre: Escola de Poesia, 2021.
- MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.
- NASCIMENTO, Tatiana. *Palavra preta*. Salvador: Editora Segundo Selo, 2021.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Livro de falas*. In: *Obra poética 2*. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2003.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Entre Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*. São Paulo: Fósforo, 2022.